

**O MUNDO IMAGINÁRIO DO LEITOR:
UMA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Dagmar Vieira Nogueira Silva (UEMS)

dagmarvns@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O artigo a seguir tem por objetivo relatar uma experiência vivenciada com uma turma atípica de sexto ano do ensino fundamental II, em uma escola pública municipal de Campo Grande – MS, envolvendo a leitura da obra *O Menino sem Imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes (1999). Nessa experiência buscou-se instigar a criticidade do educando diante das influências causadas pelas telinhas televisivas e desenvolver a capacidade imaginativa pertinente ao ser humano, a qual também é majestosamente promovida pela leitura. Para tal relato buscou-se amparo nas afirmações dispostas em Vicent Jouve (2002), Rildo Cosson (2006), nos trabalhos do artista brasileiro Victor Nunes e no filme indiano *Como estrelas na terra – Toda Criança é Especial* (2007), dirigido por Aamir Khan.

Palavras-chave: Leitura. Reflexão. Leitor. Imaginação. Televisão.

1. Introdução

A escola é um *locus* de grandes oportunidades para o desenvolvimento de habilidades em um universo quase que infinito de possibilidades. Boa parte das habilidades desenvolvidas nessa instituição necessita da leitura como veículo para a aquisição do conhecimento.

Ler e escrever são indiscutivelmente aptidões transformadoras, capazes de promover o educando em vários seguimentos sociais.

Magda Becker Soares (2004) pondera;

Do ponto de vista individual o aprender a ler e a escrever, alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever é desenvolver-se nas práticas de leitura e escrita – tem como consequência sobre o indivíduo e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômico. (SOARES, 2004, p. 17-18)

Em uma sociedade que privilegia a escrita e a leitura, encontra-se em vantagem os que delas se apropriam, compreendendo-as e utilizando-

as com propriedade e competência.

Cientes dessas condições professores de diferentes áreas do saber devem recheiar suas práticas pedagógicas com atividades que favoreçam não só a prática de leituras, como também a hermenêutica das mesmas, desenvolvendo a formação crítica do educando, a fim de torná-lo mais capaz em suas práticas sociais.

O trabalho com a leitura nos ambientes escolares deve dar suporte para que o aluno não só desenvolva o hábito de ler, como também deseje se apoderar dessa habilidade como forma de enriquecer-se culturalmente.

Para tanto é favorável que os professores ao selecionarem textos para exercício da leitura com suas respectivas turmas, tenha o cuidado de não impor algo pouco interessante ao público destinado. Assim faz-se oportuno um levantamento prévio de informações que podem auxiliar os professores na seleção de uma obra para ser apreciada.

Dessa forma a experiência aqui relatada buscou avaliar, em um período de sondagem, questões importantes, como o conhecimento linguístico, os hábitos dentro e fora do ambiente escolar, as influências recebidas pelos diversos meios a que tal público tinha acesso, suas referências e necessidades.

Faz-se oportuno informar que a turma onde se desenvolveu o trabalho aqui relatado era composta por trinta e sete meninos e apenas seis meninas.

Tais observações influenciaram na escolha do paradidático *O menino sem imaginação* (1999), de Carlos Eduardo Novaes, para uma leitura coletiva, mesclada a outras atividades promotoras do desenvolvimento de habilidades artísticas, de práticas gramaticais, de reflexões sobre hábitos e costumes sociais, e do letramento crítico.

2. Algumas considerações teóricas sobre o trabalho

O presente artigo cujo objetivo visa relatar uma experiência de sala de aula com a já referenciada obra de Carlos Eduardo Novaes, também acresce em seu corpo algumas considerações teóricas que ampararam tal trabalho, envolvendo o importante e fundamental papel da leitura na formação do educando.

Para tanto é pertinente revelar as fontes que serviram de alicerce

para o desenvolvimento deste trabalho, as quais ampliaram o conhecimento teórico sobre o letramento literário, para o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas a formação do leitor dentro dos parâmetros curriculares, e para além destes.

Neste sentido as reflexões de Vicent Jouve (2002) são oportunas, visto que o autor enxerga a leitura como uma ferramenta capaz de mudar a realidade do indivíduo, o que de fato é incontestável, afinal desde que o homem se apoderou desta importante habilidade, sua passagem na terra, não se perdeu no tempo e no espaço, e o registro dela, serviu para a evolução da espécie humana.

Lê-se o tempo, os objetos, a arte, os olhares, as linhas e entrelinhas de um mundo repleto de histórias. O ato de ler é provocativo, pois mesmo diante do que se discorda, o leitor, frente a um novo olhar, ali refletido nas faces de um texto, se vê obrigado a pensar, o que favorece a formação de um espírito crítico, motivador de sua própria evolução. "Qualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida". (JOUVE, 2002, p. 22)

Dentre os processos suscitado por Vicent Jouve, dois estiveram muito presentes na experiência aqui relatada, o processo simbólico e o processo argumentativo. O que não quer dizer uma não observação aos demais processos revelados por tal autor em sua obra *A Leitura*.

Para esse autor,

O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo quer os recuse quer os aceite [...]. (JOUVE, 2002, p. 22)

Ciente desse pressuposto é possível o professor propor leituras coerentes com os contextos diagnosticados em suas respectivas salas de aulas, tentando não só aproximar o livro dos futuros leitores, como também provocá-los, ampliando a capacidade reflexiva e argumentativa de tal público.

Em *O Menino sem Imaginação*, Carlos Eduardo Novaes (1999) o leitor é instigado continuamente a refletir sobre uma questão presente ainda nos dias atuais, os malefícios causados pelo hábito demasiado de assistir televisão.

Caso a obra fosse reformulada, possivelmente envolveria as novas faces tecnológicas, dispostas em telefones celulares, notebooks, e demais ferramentas que vêm consumindo os olhares e atenção de boa parte da população.

Mesmo aparentemente desatualizada, a obra de Carlos Eduardo Novaes é apropriada para uma reflexão muito significativa em um contexto relativamente comum nas séries iniciais do ensino fundamental II.

Crianças na faixa etária de dez a doze anos iniciam o segundo ciclo do ensino fundamental, com olhares que trazem a imaturidade própria desse público, somada aos desafios dessa nova fase escolar.

Os professores diante desse grupo têm que estar atentos as mudanças a serem propostas, para não causarem traumas nos alunos, ansiosos pelas descobertas, porém inseguros quanto à capacidade de apreendê-las.

Para Rildo Cosson (2006), "Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para sociedade em que todos estão inseridos". (COSSON, 2006, p. 29)

Neste sentido a proposta sugerida aos educandos pautou-se na sequência didática descrita a seguir.

3. Sequência didática

Após o período de sondagem realizado no início do ano letivo, constituiu-se o conjunto de atividades descritas a seguir:

- I. Levantamento prévio por meio de um questionário sobre os hábitos e costumes dos respectivos alunos fora do ambiente escolar; (Qual é a sua rotina diária? O que gosta de fazer para relaxar? Você assiste televisão? Se sim, quais os seus programas favoritos? Quem mais gosta de assistir TV em sua casa? Você pratica a leitura de livros literários fora da escola?...)
- II. Apresentação física da obra – capa, orelha entre outros elementos para textuais e apresentação da biografia do autor;
- III. Leitura coletiva da obra com pausas planejadas para debates e discussões;

- IV. Atividades de interpretação de tirinhas, concomitantes a leitura da obra, sobre a influência da televisão na vida das pessoas. (Tirinhas dispostas no Clube da Mafalda – disponível em : <https://clubedamafalda.files.wordpress.com/2010/11/intro-midiatvpublicidade.jpg>).

Na Rede Brasileira Infância e Consumo – REBRINC. Disponível em: <http://rebrinc.com.br/biblioteca/artigos/reflexoes-sobre-a-influencia-de-uma-midia-nao-democratica-em-adultos-e-criancas>.

- V. Representações artísticas de parte do texto em forma de teatro e desenhos;
- VI. Atividade prática com os exercícios instigadores da imaginação, amparadas nos exemplos das produções artísticas de Victor Nunes. Disponível em: <https://www.facebook.com/victornunesfaces/?ref=pageinternal> >;
- VII. Atividade de observação de propagandas veiculadas nas TV com análise das formas verbais utilizadas nas mesmas, evidenciando o modo imperativo utilizado em tais programações;
- VIII. Construção coletiva de cartazes destacando os pontos positivos e negativos da TV;
- IX. Produção de resumo da obra com a opinião crítica sobre as personagens e o problema central da narrativa.

4. Considerações finais

Trabalhar com a literatura, principalmente na disciplina de língua portuguesa, como aporte às ementas curriculares na formação do educando é incontestavelmente vantajoso. É como se paralelo ao ensino dos conteúdos determinados às respectivas séries, o professor pudesse proporcionar bônus valiosos aos alunos, ampliando seus horizontes.

Ao apropriar-se da leitura e da escrita e praticá-las habitualmente, o educando evolui em vários sentidos, adquire o conhecimento, se torna mais crítico, além de desenvolver-se nas práticas linguísticas e sociais.

Para que tal evolução aconteça é primordial que o professor, mediador dessas práticas pedagógicas respeite o nível sociocultural do lei-

tor, favorecendo assim a compreensão dos textos previamente selecionados.

O significado do texto não é imposto pelas palavras escritas de seus respectivos autores, ele está na compreensão do leitor, na relação que este tem com o texto, valendo-se de seu conhecimento empírico e das possíveis relações estabelecidas com a realidade que o cerca.

Nesse sentido o trabalho aqui relatado buscou metodologias que mesclou a prática da leitura com atividades que evidenciaram a hermenêutica dessa prática, contribuindo não só para o processo de produção de sentido por parte do leitor, como também aguçou o gosto por tal prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLUBE da Mafalda. Disponível em:

<<https://clubedamafalda.wordpress.com/2010/11>>. Acesso em: 05-03-2014.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Débora. Reflexões sobre a influência de uma mídia não democrática em adultos e crianças. *REBRINC: Rede Brasileira Infância e Consumo*. Disponível em:

<<http://rebrinc.com.br/biblioteca/artigos/reflexoes-sobre-a-influencia-de-uma-midia-nao-democratica-em-adultos-e-criancas>>. Acesso em: 05-03-2014.

INFOPÉDIA Dicionários Porto Editora. Disponível em:

<<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pareidolia>>. Acesso em: 01-10-2016.

JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.

KHAN, Aamir. *Como estrelas na terra – toda criança é especial*. Índia: Estúdio/Distrib: Aamir Khan Productions, 2007.

NOVAES, Carlos Eduardo. *O menino sem imaginação*. São Paulo: Ática, 1999.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

NUNES, Victor. *Perfil Facebook*. [S.1.], 2014. Disponível em:
<<http://www.femptec.org.br/a-arte-de-victor-nunes>>. Acesso em: 01-10-2016.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. São Paulo. Autêntica, 1999.